

Editorial

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.

– Carlos Drummond de Andrade, “Ausência”

A revista *Bergasse 19* entrega ao leitor o seu segundo número do ano de 2022. Um ano produtivo, que proporcionou no primeiro semestre a edição com o tema “Partos e partidas”.

Para este número 2, propusemos o tema “Presenças ↔ Ausências” como estímulo à escrita, para ser pensado em suas múltiplas dimensões. Uma proposta para refletir a evolução das teorias psicanalíticas das relações objetais, em que ausência e presença a respeito do objeto ocupam um lugar fundamental no funcionamento psíquico, com implicações tanto teórico-clínicas como na função psicanalítica.

As evoluções das teorias psicanalíticas têm tornado a atuação clínica ainda mais complexa e exigente desde a criação da psicanálise. É desafiador manter um *setting* interno vivo e atento para, na delicada experiência emocional da dupla analítica, perceber qual presença se conforma e qual a sua acessibilidade quando do aumento da tensão e da instabilidade surgidas na contemporaneidade. O que pode haver hoje de diferente de outros tempos?

Considerar o mundo interno pleno de ausências e presenças, vivenciando ausências com ressonâncias, elaborando presenças sem ressonâncias, e das tantas ausências e presenças próprias da constituição da vida psíquica. Constantemente somos convocados a conjugar as ausências e presenças, tolerar presenças de ausências, perdas, impermanências, transitoriedades. Uma convocação à permanente reflexão, no esforço contínuo de manter a capacidade para pensar, condição interna indispensável quando a mente está exposta às turbulências dos fenômenos sociais e seu reflexo na formação de subjetividades desafiantes na clínica atual.

Abrindo nossa sessão de artigos, somos presenteados com a experiência viva do encontro analítico da psicanalista Maria Aparecida Sidericoudes Polacchini em seu

trabalho “Relações íntimas de presença e ausência: laços de vida e morte”. A autora compartilha a trajetória de intimidade da dupla que, em movimentos de transformações, abriu possibilidades de experimentar nascimentos e expansões perante a vida e a morte. Na busca de elaboração do luto vivido pela morte de sua analisanda, Maria Aparecida descreve suas cogitações tecidas através da sua sensibilidade e arcabouço teórico-clínico, transitando entre a presença e a ausência e ressignificando os laços de vida e morte.

Júlio César Conte, em “Caos, o medo e o inominável”, discorre sobre o caos como método de pensamento e o medo como a premissa de qualquer experiência em contato com o desconhecido. Para ele o limiar do caos é o espaço profícuo e perigoso da criatividade, e o do medo é a criação se fusionando com a destruição. Sua escrita transita com pertinência por Freud, Bion, a literatura de Samuel Beckett e o teatro de Sófocles e de Shakespeare, entre outros autores que trazem breves ensaios dos processos criativos que se encontram no limiar do caos. O desconhecido está, esteve e estará sempre em nós, dentro de nós, em torno de nós, em íntima relação contingente. Seu texto é denso, atual e verdadeiro.

No artigo “Sobre uma forma de ruptura dos laços sociais: a performance do incansável em Aisenstein e Kristeva”, Manola Vidal de Souza Costa busca discutir as falhas na mentalização do cansaço em mulheres, olhando para essa questão a partir do vértice de Marília Aisenstein e Julia Kristeva. O diálogo entre essas autoras nos permite compreender a naturalização da não mentalização da fadiga enquanto representantes da ruptura do laço social. Uma leitura instigante.

Em “Rios e cantigas: travessias entre as funduras das ausências e os acalantos dos encontros”, a partir de dois belos contos de Guimarães Rosa, Ana Regina Morandini Caldeira nos convida a um sensível e poético passeio pelas vicissitudes do encontro analítico. Elabora uma profunda reflexão desde as proximidades da mente primitiva à mente simbólica.

Como contribuição coletiva, temos o artigo “Nos arredores de Pavia: expansões das transformações no pensamento de Antonino Ferro”, em que os autores Luciano Bonfante, Maria Oliveira, Maria Borges, Maria Galvani, Maruzza Fonseca, Silvana Andrade e Silvana Vassimon, estudiosos da obra do psicanalista italiano Antonino Ferro, procuram estabelecer aproximações das ideias deste autor com a teoria das transformações originalmente proposta por Wilfred Bion. Modelos de transformações sugeridos por Antonino Ferro ao longo de sua obra foram organizados e reunidos no artigo, que busca apresentar a teoria que dá suporte à clínica. Nas palavras dos autores, essas transformações “articulam-se em composições e sobreposições de forma a constituir uma rede útil na apreensão das alterações internas do paciente, fundamentalmente a partir da inter-relação analista-analisando”.

Em “Infância e Família”, temos dois artigos: uma contribuição de Celia Korbivcher voltada para a “clínica da mente primitiva”, com discussões clínicas da infância e

adolescência, e outra de Elizabeth Palacios, discutindo questões ligadas à psicanálise vincular e ao atendimento de famílias e casais. Celia Korbivcher, em “Algumas contribuições atuais abordando a transferência em psicanálise de crianças”, adota referencial teórico de Bion, em especial a teoria das transformações, em articulação com a proposição da própria autora sobre transformações autísticas para discutir o fenômeno da transferência e seu manejo clínico em áreas nas quais prevalece o funcionamento mental primitivo, psicótico e autístico, considerando o impacto desses fenômenos na mente do analista.

Já Elizabeth Palacios, em “Vínculos e catástrofes sociais: casais e crises”, propõe uma discussão extremamente atual, considerando os impactos de fenômenos sociais sobre o psiquismo humano individual e coletivo, apresentando questões fundamentais: “o que acontece no nível vincular quando se desarticulam os modos defensivos do sujeito, quando se desmontam as defesas, quando os excessos provocam fenômenos não metabolizáveis? O que acontece quando fica em xeque a relação do sujeito com a sua realidade, consigo mesmo e com o seu mundo vincular, o que o empurra a processos de elaboração psíquica e vincular inéditos ou a uma retraumatização por efeitos de ordem semelhante em gerações adjacentes ou consecutivas, com os consequentes efeitos dessubjetivantes sucessivos?”. É uma leitura que nos provoca reflexões inevitáveis e necessárias, em especial para nossos tempos.

Na seção “Psicanálise em Língua Portuguesa”, Ignácio A. Paim Filho nos traz um instigante diálogo entre Narciso e Édipo. Articula, nas palavras do autor, dois “senhores seculares”, *Totem e tabu* e “À guisa de introdução ao narcisismo”, para discutir conceitos fundantes da psicanálise que continuam iluminando nossa experiência teórico-clínica atual, reafirmando a potência da proposta freudiana. Encerra poeticamente seu texto desejando que, “nos desfiladeiros da vida”, Narciso e Édipo possam seguir se questionando: “qual minha origem? Quem sou? Para onde vou?”.

Para nossa sessão “Conversando com...”, a temática do presente número, “Presenças ↔ Ausências”, nos evocou, quase como que por associação livre, o nome de Celia Fix Korbivcher. Consideramos que a lembrança nos ocorreu justamente por seu profundo trabalho na “clínica da mente primitiva”, no qual sustentar a presença viva se torna um desafio constante, de vida ou morte, para a função psicanalítica. Numa conversa em tom afetivo, autêntico e generoso, pudemos acompanhar sua trajetória, na qual a experiência de vida entrelaçada com a vivência profissional proporcionou a todos nós, comunidade psicanalítica, significativas contribuições no campo teórico-clínico.

O trabalho editorial que produz um periódico científico como a *Berggasse 19* implica um intenso trabalho de bastidores, que se torna o ausente do materializado na revista, experiência engendrada no Conselho Editorial. O resultado final enriquece sobremodo tal experiência.

Agradecemos a todos que aceitaram o difícil, mas fundamental desafio à escrita psicanalítica confiando seus trabalhos à nossa equipe, agradecimento que

se estende ao leitor, para quem a revista é dirigida. Sua presença nos realiza e nos recompensa do árduo trabalho necessário para que uma publicação se sustente e possa motivar novos leitores-escritores em continuidade ao compartilhamento de ideias, inquietudes e perplexidades. Entre *presenças e ausências*, esperamos que a interação com o conteúdo das páginas seguintes seja tão proveitosa quanto foi para nós da *Bergasse 19* laborar com afinco para que ele chegasse até o leitor.

Almejamos que o ano de 2023 seja tão inspirador e esperançoso quanto é desejável para que a vida alcance seu sentido diário.

Boa leitura!

Luciano Bonfante

Editor associado